

A língua falada nas comunidades rurais nipo-brasileiras do estado de São Paulo – considerações sobre *koronia-go*

Junko Ota
Université de S o Paulo



Synergies Brésil n  7 - 2009 pp. 49-56

Résumé: *Cet article veut présenter des données sur la langue japonaise parl e dans deux communautés rurales de l'état de S o Paulo. Pour ce faire, on se fonde sur les deux volets d'une recherche menée par l'Université d'Osaka et plusieurs universités brésiliennes en 2003. La collecte des données, qui fait partie du Projet Interface des Humanités du Centre de Programmes d'excellence de l'université d'Osaka, se proposait de recueillir dans plusieurs communautés nippo-brésiliennes des données linguistiques auprès de trois générations d'immigrés et de leurs descendants.*

Mots-clés: *communautés nippo-brésiliennes; langue de la colonie (koronia-go)*

Resumo: *O presente artigo tem por finalidade apresentar alguns dados sobre a língua japonesa falada em duas comunidades rurais paulistas, baseando-se nas duas fases do projeto, realizado pelos pesquisadores da Universidade de Osaka e das universidades brasileiras, em 2003. Integrado no Projeto Interface das Humanidades - Center of Excellence Program da Universidade de Osaka, o levantamento foi realizado com o intuito de obter dados linguísticos das três gerações dos imigrantes e seus descendentes nas comunidades nipo-brasileiras.*

Palavras-chave: *comunidades nipo-brasileiras; língua da colônia (koronia-go)*

Abstract: *The present article has the purpose of presenting some data on the Japanese language spoken in two rural communities in Sao Paulo State, based in the two steps of the project, realized by the researchers of the University of Osaka and of the Brazilian universities, in 2003. Integrated in the Project of Center of Excellence Program of Interface Humanities of the University of Osaka, the data was collected with the aim of obtaining linguistic data of the three generations of the immigrants and their descendants in the Nippo-Brazilian communities.*

Keywords: *Nippo-Brazilian communities; colony language (koronia-go)*

A presença dos nipo-brasileiros e a língua *koronia-go*

A presença da população nipo-brasileira (ou nikkei) no Brasil completou cem anos em 2008 e seu número é estimado em torno de 1.400.000 pessoas, o que corresponde a 52,7% dos imigrantes japoneses e seus descendentes fora do Japão, segundo dados de 2007¹. O contingente brasileiro é considerado o maior entre todos os países onde há presença dos japoneses e seus descendentes, excetuando o próprio Japão. Dentro do Brasil, estima-se que mais de 70 % dos nikkeis se encontram no estado de São Paulo, seguido pelo do Paraná, com seus 12%, e os demais estados, que vão desde Amazonas até Rio Grande do Sul.

Dentre a população nikkei no Brasil, a pesquisa realizada pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros em 1989 já indicava as porcentagens de cada geração: isseis (primeira geração, literalmente, ou seja, imigrantes nascidos no Japão) ocupavam os 13 % de sua totalidade; nisseis (segunda geração dos imigrantes, ou seja, filhos de isseis) chegavam a 31 %; sanseis (terceira geração, ou netos de imigrantes) totalizavam 41 %; yonseis (quarta geração, bisnetos de imigrantes), 13 %, e gosseis (quinta geração), 0,3%, onde se pode observar que o número dos sanseis já predominava entre as gerações, tendência que, acreditamos, continua ainda nos dias de hoje.

Quanto à fixação dos referidos imigrantes e seus descendentes, sabe-se que a grande maioria estabeleceu-se inicialmente na área rural. Porém, esse número já reduzia a 55,1 % em 1958, tendo o contingente de 44,9 % migrado para a zona urbana, quadro este que aumentaria drasticamente para 90 % em 1988, ainda segundo os dados do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros (apud Mori, K., in Osaka University, 2003). A concentração da população urbana teve relação também com a escolarização dos filhos de imigrantes e, se em 1958, a parcela de 56 % da população nikkei se ocupava do setor primário da economia, dedicando-se à agricultura, pecuária e piscicultura, a mesma teve a redução para 12 % em 1988, em contraposição ao aumento dos trabalhadores de nível técnico (16 %) e administrativo (28%), de setores secundário e terciário.

A partir dos anos 80, a situação econômica no Brasil e a alta dos salários no país do sol nascente têm atraído de volta os imigrantes e seus descendentes, causando uma inversão na mobilidade populacional, que foi denominada “fenômeno de kassegi”. Até outubro de 2008, estimava-se um contingente de 300.000 brasileiros descendentes ou não de japoneses trabalhando no Japão, número este que, devido à crise econômica global que assola os países desde então, incluindo também o Japão, está em vias de redução, uma vez que há constatação da volta de uma parcela dos mesmos, desta vez novamente para o Brasil.

Dessa maneira, a imigração japonesa passou por grandes mudanças ao longo dos cem anos no Brasil, e na ocasião de sua celebração em 2008, muitos temas foram abordados, mas um dos aspectos ligados à imigração que nos chama a atenção é sobre a língua dos imigrantes e seus descendentes. O contato das línguas, a japonesa, trazida pelos imigrantes japoneses, e a portuguesa, língua oficial do Brasil, resultou numa língua chamada “*koronia-go*” (língua da colônia japonesa) ou “*nissei-go*” (língua dos nisseis), usada como afirmação da

identidade dos imigrantes japoneses no Brasil (Mori, K., in Osaka University, 2003) ou por vezes com certa valorização negativa pelos que consideravam a variante um desvio da língua padrão².

Koronia-go é considerado uma variante da língua japonesa, em que se vê claramente a interferência do português, desde a adoção dos empréstimos lexicais até mudança de códigos. Mase (1987) explica que se trata de uma língua comum da colônia que sofreu o processo de homogeneização, para possibilitar a comunicação entre os falantes provenientes de diferentes províncias. Sendo 56,7% dos imigrantes oriundos da parte ocidental do Japão, Mase chega a afirmar que os mesmos tendem a usar em situações públicas ou formais o dialeto comum da região oeste, mesmo que em seu ambiente familiar usem os dialetos respectivos do local de sua procedência.

Estudos precedentes têm apontado também outras características, tais como a ausência de diferenças linguísticas entre a fala masculina e a feminina, e a simplificação na linguagem de tratamento, originariamente de alta complexidade, por causa das formas de polidez, respeito e modéstia (cf. Suzuki, 1985). Outros estudos têm destacado ainda o caráter oral do *koronia-go*, usado na conversação cotidiana, dentro do círculo familiar ou entre os membros da comunidade, cujos traços se evidenciam mesmo em textos escritos, nas colunas de leitores de jornais japoneses do Brasil (cf. Doi, 2002). É possível, ainda, observá-los nas expressões literárias escritas em japonês no Brasil, em forma de diálogos dos personagens nos romances e empréstimos nos poemas *haiku* e *tanka*.

Para a efetivação do projeto, foram eleitas duas comunidades rurais paulistas constituídas de imigrantes japoneses e seus descendentes, a saber: Vila Ipelândia, chamada também de “Fukuhaku-mura” em japonês, e comunidade denominada Aliança, subdividida em três núcleos, que correspondem a Primeira Aliança, Segunda Aliança e Terceira Aliança. A Vila Ipelândia localiza-se a 34 km da capital, no município de Suzano, hoje integrada dentro da área de cinturão verde da região suburbana da capital, com 512 habitantes no levantamento de 2002³, e a comunidade Aliança, no município de Mirandópolis, região noroeste do estado, a 580 km da capital, próxima à divisa com o estado de Mato Grosso do Sul, com 644 habitantes. Ambas são comunidades antigas, fundadas entre 1926 e 1931⁴, antes do período da segunda guerra mundial.

O projeto foi dividido em duas fases: a primeira consistiu na aplicação de questionário de 68 perguntas, abrangendo dados pessoais, questões sobre a aprendizagem de japonês e português, auto-avaliação da proficiência linguística em duas línguas, as línguas faladas com os membros da família e a percepção sobre as línguas em uso; e a segunda fase foi dedicada à gravação de entrevistas dos informantes selecionados entre os da primeira fase. Para a primeira fase de pesquisas, 219 informantes responderam ao questionário, sendo 108 da Vila Ipelândia e 111 da Aliança, que, separados em gerações, eram 80 da primeira geração, ou nascidos no Japão, 83 da segunda geração e 56 da terceira (doravante, isseis, nisseis e sanseis, respectivamente) (cf. Osaka University, 2004).

As faixas etárias das três gerações pesquisadas na primeira fase variam, mas a que predominou entre os isseis foi de 42%, de 74 a 83 anos; a de nisseis, 36,1% na faixa de 54 a 63 anos, e a de sanseis, 42,9% com a idade entre 24 e 33 anos, o que caracteriza claramente a alta faixa etária dos isseis, em contraste com os sanseis, mais jovens.

Os levantamentos dos informantes da primeira fase evidenciaram os perfis de três gerações das comunidades referidas quanto às línguas que usavam:

- os isseis têm faixa etária alta, escolaridade formal relativamente baixa entre as três gerações, mas apresentam proficiência em japonês, que leem e escrevem, e o usam não somente no ambiente familiar mas também no círculo social;

- os nisseis apresentam diversos perfis, uns com a proficiência alta tanto do japonês quanto do português, outros com características similares aos dos isseis, com fluência em japonês muito grande, e ainda outros com perfil próximo ao dos sanseis, com a capacidade de compreensão oral em situação cotidiana. A oportunidade de contato e estudos da língua japonesa ou a ausência desta na infância tem sido decisiva na fluência do japonês, enquanto que a escolaridade no ensino brasileiro tem influído para a proficiência em português;

- os sanseis, de faixa etária mais baixa, têm em média proficiência relativamente baixa em língua japonesa, cujo uso é mais limitado entre os círculos familiares, mas com a capacidade de compreensão oral. Tendo a escolaridade formal maior de todas as gerações, apresentam proficiência mais alta em português.

Características de *koronia-go*

A seguir, apresentaremos alguns exemplos marcantes de *koronia-go*, sem pretender esgotar todas as possibilidades de ocorrências, coletados na ocasião das entrevistas de segunda fase⁵ nas comunidades, quando foram entrevistados 39 informantes em duas comunidades, subdivididos em 10 isseis, 15 nisseis e 14 sanseis⁶.

Empréstimo lexical do português

1. Ocorre notadamente com nomes, que designam aquilo que trata dos objetos e fatos típicos do país, como mostra o exemplo:

- *Mettani tabenaidesune panwane churrascono tokiwane onigiriga attarane(...)*
(JD, nissei, I, 57, p. 37)

[Quase não como, sabe, o pão, quando fazem churrasco, se tiver bolinho de arroz, sabe?]

Observa-se que o termo “churrasco” que o informante fala não tem seu correspondente na língua japonesa, e, nesse caso, usar a palavra “*bâbekyû*”, um estrangeirismo do inglês *barbecue* ‘barbacoa’, pode soar algo distinto do que designa “churrasco” brasileiro.

2. Palavras técnicas em português, usadas no cotidiano dos falantes, cujas traduções em japonês nem sempre são familiares para o cotidiano do informante:

- *E ano ortopedista itta toki no ano raio X tottara ano...are datte bico-de-papagaio ga deterutte iu wake, né. ?*] (EU, nissei, I, 54, p. 19)
[E então, quando fui ao ortopedista e tirei o raio X, então...áí falaram que tinha bico de papagaio, sabe?]

Nota-se que ‘ortopedista’, ‘raio X’ e ‘bico-de-papagaio’ são termos relativos à medicina e seus correspondentes em japonês *seikeigekai*, *rentogen* e *kotsuzô shokutai*, respectivamente, não fazem parte da linguagem do cotidiano, e portanto a informante parece complementar a fala com os termos que lhe são mais familiares em português.

3. Palavras cuja tradução para o japonês são do conhecimento do falante, mas usadas também em português:

- *Sono móveis gane...kazaidôguwo entregashitekita toiu kara mâ mulherga ima chotto*(JD, nissei, I., 57, p. 21)
[(...) Esses móveis, sabe?...como veio falar que vieram entregar os móveis, a minha mulher (...)]

Nesse trecho em que predomina o japonês, após dizer o nome em português ‘móveis’, o informante fala a tradução correspondente em japonês, ‘*kazaidôgu*’, demonstrando saber a palavra e também como se corrigisse a palavra anteriormente falada em português. No mesmo trecho, encontra-se também a palavra em português “mulher”, referindo-se à esposa do informante, que, apesar de sua fluência em japonês, por alguma razão, dá preferência ao uso da palavra em português, ao invés de “*kanai* (mulher)” ou alguma expressão equivalente em japonês.

4. Formação de verbos compostos, constituídos de verbo em português + verbo em japonês:

- ...*kazaidôguwo entregashitekita toiu kara* (...) [como veio falar que vieram entregar os móveis,] (JD, nissei, I., 57, p. 21)

Ainda no mesmo exemplo mencionado no item anterior, encontra-se o verbo *entregashi*...[entregar], que é constituído do português ‘entrega’, (conjugado em terceira pessoa do singular) ligado a *shi*, forma flexionada do verbo *suru* “fazer” em japonês, formando assim um verbo composto *entrega-suru* “entregar”. A parte em português, com seu significado, funciona como radical, e a parte final em japonês atribui à palavra as características morfológicas próprias dos verbos japoneses, com suas flexões. A regra utilizada na língua japonesa para formar inúmeros verbos, incorporando nomes de origem chinesa, e da mesma forma os estrangeirismos de origem ocidental⁷, foi empregada com os verbos em português, criando outras palavras como: *pede-suru*, *mistura-suru* e outros.

Traços de falas regionais e língua comum

Abordamos aqui alguns traços regionais observados, mesmo que na totalidade haja predominância da fala pautada na língua comum (*kyôtsûgo*)⁸:

- *Watchi* (EU, nissei, I, 54, p. 1) [eu]

O pronome pessoal de primeira pessoa do singular, usado na região leste do Japão. É usado, conforme a região, pelas mulheres, mas é desconhecida a procedência dos avós da informante.

- *De shitoride ikiyottan'yone*. (EU, nissei, I, 54, p. 19) [E ia sozinha, sabe?]

O verbo *iku* [ir] é seguido pelo verbo auxiliar *-yuru*, da região oeste do Japão, que corresponde a *-iru*, da língua padrão, usado para expressar aspecto de continuidade ou repetição, significando que a pessoa frequentava o curso com regularidade.

- *Jiichan bâchan ga ottakarane*. (MM, issei, I, 53, p.9) [Porque estavam o avô e a avó.]

Uso do verbo *oru* para as pessoas.

- *Dakara rimeirano kuikiyaro are?*" (MT, issei, I, 86, p. 4) [Então, deve ser na região de Limeira, não?]

Uso de *yarô*, expressão de suposição, que corresponde a *darô*, na língua comum. Faz parte do dialeto da região oeste do Japão.

Na fala de alguns informantes, observam-se os traços da fala de ambas as regiões principais do Japão, a do leste e a do oeste, e com a predominância dessa. A língua comum, entretanto, parece prevalecer na fala do quadro geral dos informantes. Para sua difusão entre os informantes, parecem contribuir os jornais japoneses que circulam no Brasil, lidos pelos 56 % dos isseis, a rede de televisão a cabo NHK (Nippon Hôshô Kyôkai, Japan Broadcasting Corporation), à qual assistem 40 % dos isseis entrevistados, além do ensino nas escolas de língua japonesa nas comunidades locais, onde os professores tendem a ensinar na língua comum.

Mudança de códigos

Bastante frequente entre os nisseis, que dominam as estruturas das línguas japonesa e portuguesa, ocorre o fato de os falantes recortarem as estruturas sintáticas de uma língua, juntando-as às da outra.

- *Brasil no hooga nukukute*, não tem *jishin*, não tem *taifû*, não tem essas coisa tudo , ah, para morá é Brasil mesmo, que é, ah, *nô atataikai dashi, né, mo kokoga ii, tte.*" (EU, nissei, I, 54, p. 15)

[Brasil é mais quente, não tem terremoto, não tem tufão, não tem essas coisas todas, ah, para morar é Brasil mesmo, que é, enfim, é quente, e dizia que era melhor aqui.]

A fala começa com a estrutura do japonês, muda em seguida para português, porém com a inserção de vocábulos japoneses (*jishin* ‘terremoto’, *taifû* ‘tufão’), e por fim volta-se à fala em japonês. Há ainda casos de falas em que as estruturas das duas línguas co-ocorrem:

- Ele fala assim: “Eu não. Pra ser peão lá, não vou não, eu tenho uma casa para morar, tem comida prá comer, pra mim tá bom.”, *te iu wake* [diz assim]. (EU, nissei, I, 54, p. 21)

A fala direta é introduzida no início em português, seguida da citação também em português, mas no final aparece o japonês assim como na estrutura da língua japonesa, na qual a menção à fala vem após a citação. Nesse trecho, então, a citação teve duas menções, causando redundâncias, uma em português e depois em japonês, em posições distintas, conforme o que cada língua estabelece como regra.

- Pra ele é...*kantan yo né*. [é fácil, sabe?] (EU, nissei, I, 54, p. 10)

A sentença começou em português e no meio, mudou para japonês. O verbo de ligação ‘é’ acaba sendo redundante, porque a finalização em japonês também subentende uma afirmação.

Apresentamos no presente trabalho algumas características de *konomia-go*, que é considerado hoje como um recurso para uma comunicação eficiente entre as pessoas de diferentes gerações da família ou da mesma comunidade, proficientes ou não em língua japonesa, assim como um recurso para a manutenção do japonês. Mesmo não havendo unanimidade entre os falantes quanto à valoração da referida língua, uma vez que há posições controversas com relação à mistura de línguas entre os próprios usuários, *konomia-go* é considerado ‘natural’ e ‘normal’ para muitos deles. A língua usada nas comunidades rurais nipo-brasileiras é o resultado do contato linguístico entre japonês e português, e é o fruto da vivência linguística que os informantes tiveram e têm, muito distinta da dos japoneses do arquipélago.

Notas

¹ “Shiryôhen: Nichi, Chûnanbei kankei” (Dados: Relações entre o Japão e a América Central e do Sul). In *Gaikôforum* (Forum Internacional). 10/2007, no. 231, p.70.

² Vários trabalhos precedentes, como Andô (1956), Handa (1970), Mase (1987), Nawa (1988), Kuyama (2000), Doi (2007) dentre outros, têm até agora abordado a questão de *konomia-go*

³ Segundo *Nikkei shakai jittai chôsa hôkokusho* (Relatório das pesquisas sociais das comunidades nipo-brasileiras), editado pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, em 2002. O número de habitantes de Aliança também se baseia no mesmo relatório.

⁴ A Primeira Aliança foi habitada pelos primeiros imigrantes japoneses em 1926, a Segunda Aliança e a Terceira Aliança, em 1927; já a Vila Ipelândia recebeu os primeiros japoneses em 1931 (cf. OTA, J & MORALES, L.M. In: Osaka University, 2003).

⁵ As entrevistas foram semi-estruturadas, para possibilitar a expressão dos informantes sobre a história de aquisição de línguas japonesa e portuguesa e sobre sua atitude em relação às línguas e seus valores culturais.

⁶ Entre parêntesis, seguem os dados nessa ordem: a identificação do informante junto ao nosso arquivo, geração à qual pertence, I para a Vila Ipelândia e A para Comunidade Aliança, idade, e a página das nossas transcrições onde consta o trecho citado.

⁷ Por exemplo, a partir da junção da palavra *setsumei* (“explicação”, nome de origem chinesa) com o verbo japonês *suru* “fazer”, compõe-se o verbo *setsumei-suru* “explicar”, forma que permitiu historicamente incorporar inúmeros vocábulos chineses ao léxico do japonês. A mesma regra vale também para a formação de verbos a partir dos estrangeirismos de origem ocidental, compondo, por exemplo, *kyatchisuru* (do inglês *catch+suru*), “captar”.

⁸ Termo usado em contraposição a dialetos (*hōgen*), e se baseia na língua de Tóquio.

Referências bibliográficas

Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. 2002. *Nikkei shakai jittai chōsa hōkokusho* (Relatório das pesquisas sociais das comunidades nipo-brasileiras). São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.

Doi, E.T. 2002. A presença japonesa no Brasil: a língua japonesa falada pela comunidade nipo-brasileira. In: *Letterature d’America*. Anno XXII, no. 93-94. pp. 19-36.

Gaiko Forum. 2007. *Shiryōhen: Nichi, Chūnanbei kankei* (Dados: Relações entre o Japão e a América Central e do Sul). In: *Gaikōforum* (Forum on Foreign Affairs). Oct.207, no. 231. Tóquio: Toshi Shuppan Kabushikigaisha.

Mase, Y. 1987. A língua japonesa dos imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil. In: *Estudos Japoneses*, no. VII. São Paulo: Centro de Estudos Japoneses da USP, pp. 137-146.

Osaka University. 2004. *Memoirs of the Graduate School of Letters Osaka University*. Vol. XLIV-II. Osaka, Osaka University.

_____. 2003. The 21st. Century COE Program Interface Humanities Research Activities 2002, 2003. *Gengo no sesshokuto konkō - Nikkei burajirujinno gengono shosō* (O contato linguístico e a coexistência - diferentes aspectos linguísticos dos nipo-brasileiros). Osaka, Osaka University.

Suzuki, T. 1985. As expressões de tratamento da língua japonesa no Brasil: uso e processo de aculturação. São Paulo, FFLCH - USP, tese de doutoramento (editada posteriormente pela Edusp em 1995, sob título *As expressões de tratamento da língua japonesa*).